

# **Pensando a relação natureza, cultura e História no caso dos Xokleng\***

*Jackson Aleksandro Peres\*\**

## **Resumo**

Este artigo busca fazer a relação entre Natureza, Cultura e História dentro da trajetória dos Xokleng, povo indígena que junto aos Guarani e Kaingáng compõe o quadro étnico de Santa Catarina. Para isso, houve um estudo sobre teorias do conceito de Cultura e suas implicações além de um breve histórico da construção ou construções do conceito e usos do termo Cultura. Sem pretender por um fim as discussões, esse artigo objetiva elucidar os termos e suas relações, aproximando também outras disciplinas no estudo da História, como Arqueologia e Antropologia. Nesse sentido com o auxílio da Arqueologia, buscamos características culturais dos Xokleng, como o nomadismo e construções de artefatos, para observar a ligação dessas com a natureza, bem como a implicação dessas manifestações dentro de sua trajetória histórica.

**Palavras-chave:** Xokleng, Natureza, História, Cultura.

## Introdução

*Entre o homem e a natureza, interpunha-se o véu da cultura,  
e ele nada poderia enxergar senão através desse véu.  
(WHITE, 1958, apud SAHLINS: 1976, pp119-120)*

Quando nos deparamos com um estudo no qual a palavra “cultura” aparece como palavra-chave, o primeiro problema que encontramos é em que sentido utilizaremos essa palavra. Isso ocorre pelo fato de um dos termos mais discutidos e que mais tentativas de conceituação há é o vocábulo “cultura”. Segundo Eagleton “cultura é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua (do autor, língua inglesa), e ao termo que é por vezes considerado seu oposto – “natureza” – é comumente considerado o mais complexo de todos” (EAGLETON, p. 9). Uma questão, porém, é unânime: cultura é uma característica inerente aos seres humanos. Ou seja, o ser humano é o único ser capaz de desenvolver cultura, pois “difere do macaco e, ao que sabemos de todos os outros seres vivos por ser capaz de um comportamento simbólico. Com palavras o homem cria novo mundo, um mundo de idéias e filosofias” (WHITE, 1958. apud SAHLINS:1976, p. 121).

Na mesma citação, Eagleton já introduz pra nós um outro problema: conceituar, ou mesmo relacionar cultura com natureza. As duas palavras que andam lado a lado são muitas vezes utilizadas como opostas uma da outra, mas estão sempre juntas na definição, “no entanto, embora esteja atualmente em moda considerar a natureza como derivado de cultura, o conceito de cultura, etimologicamente falando, é um conceito derivado do de natureza” (EAGLETON, p.9). Interligadas, é uma tarefa impossível procurar discutir “cultura” sem apresentar a relação dessa com a natureza.

Dado a problemática, deixamos claro que a proposta desse ensaio não é definitivamente por um fim às discussões feitas para se tentar definir o que é “cultura”. Mesmo porque, conceitos são dinâmicos e qualquer que fosse nossa tentativa de definição, esta com

certeza não daria conta da complexidade desse termo. Os estudos mostram que o conceito de cultura vem sendo modificado com o passar do tempo, ou seja, há uma “história” do conceito de cultura<sup>1</sup>.

Também não tentaremos definir “natureza”, que como Eagleton já colocou, está em primeiro lugar como o termo mais complexo de todos. Porém, procuraremos elucidar estes termos e ligá-los para que possamos nortear o tratamento dado ao objeto da pesquisa que estamos desenvolvendo: cultura/natureza e sua ligação com a história. Nesse sentido, procuraremos dialogar com trabalhos que fazem essa discussão a fim de relacionarmos com o tema em estudo, não para uma conceituação geral, mas sim para uma conceituação à qual pelos estudos feitos nos parecerá mais apropriada.

### **Mas que cultura e que história estamos falando?**

Colocamos que nosso estudo está se concentrando na relação entre cultura/natureza e história. Pretendemos, nesse sentido, entender a relação entre as práticas culturais de um povo indígena que compõe o quadro étnico do Estado de Santa Catarina, os Xokleng, com sua trajetória histórica. Como utilizaremos o termo “cultura” no sentido plural, que corresponde a um modo de vida específico, tentaremos em um primeiro momento, através de um panorama, traçar a “história” do conceito de “cultura”, para identificar em que momento o termo adquiriu o sentido que iremos utilizar.

Assim como em todo o território nacional, Santa Catarina à época da colonização também era habitada, e ainda é, por povos indígenas de pelo menos três etnias: além dos Xokleng, há os Guarani e os Kaingang. Povos esses que junto com os imigrantes de origem européia formam a população do Estado de Santa Catarina hoje. Etnia é outro termo do qual temos que tomar cuidado ao utilizar. Assim como “cultura”, estudiosos vêm se debruçando em trabalhos para tentarem por fim conceituar o termo “etnia”. Abordando o termo antropologicamente, Barth nos apresenta o que seria etnia a partir da idéia de grupo étnico, que designa uma população que:

- 1 perpetua-se biologicamente de modo amplo,
- 2 compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais,
- 3 constitui um campo de comunicação e de interação,
- 4 possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo (BARTH, pp.188-189)

Colocada dessa maneira, essa conceituação “produziu um mundo de povos separados, cada um com sua cultura própria e organizado numa sociedade que podemos legitimamente isolar para descrevê-la como se fosse uma ilha” (BARTH, p. 190).

As etnias apresentadas correspondem aos povos que perambulavam<sup>2</sup> pelo território onde hoje compreende o Estado de Santa Catarina (apesar dos territórios históricos desses povos não conhecerem os limites os quais consideramos hoje como os Estados brasileiros) e de onde retiravam aquilo que necessitavam para sua sobrevivência. Mesmo estando próximos, esses povos se diferenciavam bastante. Isso vai ao encontro da idéia de Barth, onde coloca que “fica claro que as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que a atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação” (BARTH, p. 188). Assim, mesmo tendo contatos, a “cultura” de cada um era e é singular.

Hoje podemos falar sobre “cultura indígena” facilmente. Temos a impressão que sempre houve um entendimento de como utilizar o termo para designar um modo específico de viver. Puro engano. O termo viajou na história e para que possamos utilizá-lo hoje muitos pensadores se debruçaram para tentar defini-lo, apesar de ainda hoje o termo estar sendo utilizado de várias maneiras e continuando em pauta de discussão. Agora, dentro do processo histórico pelo qual foi se formando e se transformando o conceito da palavra “cultura”, quando o modo de vida dos povos indígenas pode ser classificado como tal?

De acordo com Eagleton, “Raymond Williams investigou parte da complexa história da palavra “cultura”, distinguindo três sentidos

modernos principais da palavra. Com base em suas raízes etimológicas no trabalho rural, a palavra primeiro significa algo como “civilidade”. (EAGLETON, p. 19). Nascida da “natureza”, etimologicamente falando, no sentido mesmo de cultivar algo, que o termo aparece no século XVIII:

Ele fez sua estréia com esse sentido no Dicionário da Academia Francesa (edição de 1718) e é então quase sempre seguido de um complemento: fala-se da “cultura das artes”, da “cultura das letras”, da “cultura das ciências”, como se fosse preciso que a coisa cultivada estivesse explicitada (CUCHE, p. 20).

Observamos que nesse primeiro momento os indígenas conhecidos já dos europeus há pelo menos 217 anos, não se enquadravam como povos que possuíam “cultura”. Isso se deve pelo simples fato de não realizarem trabalho rural (cultura da terra) nem terem “cultura das letras”. Mais adiante, no século XVIII, a palavra cultura

torna-se mais ou menos sinônima de “civilização”, no sentido de um processo geral de progresso intelectual, espiritual e material. Na qualidade de idéia, civilização equipara significativamente costumes e moral: ser civilizado inclui não cuspir no tapete assim como não decapitar seus prisioneiros. (...) (EAGLETON, p. 19)

Mesmo agora, quando o termo passou a significar civilização, ainda não se enxergava os indígenas como povos portadores de “cultura”. Selvagem era o termo aplicado a eles, diferenciando-os dos “civilizados” europeus. Lèvi-Strauss em seu texto “Raça e História” resume claramente o sentido do uso do termo nas relações interétnicas, e que de tempos em tempos vem à tona:

A atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. “Costumes de selvagens”, “isso não é nosso”, “não deveríamos permitir

isso”, etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas. Deste modo a Antigüidade confundia tudo o que não participava da cultura grega (depois greco-romana) sob o nome de bárbaro; em seguida a civilização ocidental utilizou o termo de selvagem no mesmo sentido (LÈVI-STRAUSS, p. 59).

Retomaremos a premissa de Strauss mais adiante. Por hora, seguiremos a lógica apresentada por Eagleton, para acompanharmos a transformação do sentido da palavra no tempo. Segundo ele, essa noção de “cultura” como “civilização” começa a mudar por volta século XIX. Uma das observações feitas por ele é que ela começa a deixar de ser seu sinônimo para vir a ser seu antônimo.

Por volta do final do século XIX, “civilização”, por sua vez, tinha também adquirido uma conotação inevitavelmente imperialista, suficiente para desacreditá-la aos olhos de alguns liberais. Conseqüentemente, era necessária uma outra palavra para denotar como a vida social deveria ser em vez de como era, e os alemães tomaram emprestado o termo francês *culture* para esse propósito. Kultur ou “cultura” tornou-se o assim o nome da crítica romântica pré-marxista ao capitalismo industrial primitivo. Enquanto “civilização” é um termo de caráter sociável, uma questão de espírito cordial e maneiras agradáveis, cultura é algo inteiramente mais solene, espiritual, crítico e de altos princípios, em vez do estar sempre alegremente à vontade com o mundo. Se a primeira é prototipicamente francesa, a segunda é estereotipadamente germânica. (EAGLETON, p. 22)

Parece-nos que a partir de agora a palavra “cultura” começa a ter seu significado aproximando-se do que hoje entendemos por isso. O idealismo alemão deu ao termo algo de seu significado moderno de um modo de vida característico. “Para Herder, isso é um ataque consciente contra o universalismo do iluminismo. A cultura, insiste ele, não significa narrativa grandiosa e unilinear da humanidade em seu todo, mas uma diversidade de formas de vida específica, cada uma com suas leis evolutivas próprias e peculiares”. (EAGLETON, pp. 23-24). Nessa pluralização da palavra “cultura”, e dentro desse conceito que a palavra começa a assumir, que fala de

culturas de diferentes nações e diferentes períodos, além de diferentes culturas sociais e econômicas dentro da própria nação, podemos encaixar os povos indígenas. Mas segundo Eagleton, somente no século XIX, que esse sentido plural da palavra “cultura” tentará criar raízes. No entanto, não se estabelecerá até o início do século XX.

Embora as palavras “civilização” e “cultura” continuem sendo usadas de modo intercambiável, em especial por antropólogos, cultura é agora também quase o oposto de civilidade. Ela é mais tribal do que cosmopolita, uma realidade vivida em um nível instintivo muito mais profundo do que a mente e, assim, fechada para a crítica racional. Ironicamente ela é agora mais um modo de descrever as formas de vida dos “selvagens” do que um termo para os civilizados. Numa inversão curiosa, os selvagens agora são cultos, mas os civilizados não (EAGLETON, p. 25).

Talvez essa consideração: “os selvagens são cultos, mas os civilizados não” seja um pouco exagerada. Até porque, retornando à Strauss, sempre existe uma volta do sentimento de repulsa das formas culturais mais afastadas “daquelas que nos identificamos”. Um exemplo bastante interessante, o próprio Eagleton nos traz quando ainda discute a pluralização da “cultura”. Afinal, pluralizar o conceito de “cultura” é facilmente entendível quando se trata de definir uma cultura diferente, mas que é aceitável, como os indígenas, por exemplo. Porém quando generosamente se pluraliza cultura ao ponto de considerar “a “cultura das cantinas de delegacia de polícia”, a “cultura sexual-psicopata” ou a “cultura de máfia”, então fica menos evidente que essas sejam formas culturais a ser aprovadas simplesmente porque são formas culturais” (EAGLETON, p. 28). Por mais que o conceito possa ser utilizado, existe (talvez este não seja o termo correto) uma “limitação pessoal” para a aceitação dessas práticas quando são intituladas de “culturas”. Deve-se isso, como Strauss apontou, “a atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos”, de não aceitarmos as formas culturais afastadas das nossas. No entanto, pode haver ainda um

complemento a essa premissa, pois nem todas as formas culturais que estão afastadas daquelas com a qual nos identificamos nos causa repulsa. As “culturas” indígenas, por exemplo, são aceitas, mas o radicalismo islâmico não, apesar das duas serem bastante distintas e separadas da nossa. A questão não é somente estarem afastadas. Parece-nos que o que interfere nesse caso é o “limite” que cada indivíduo possui de considerar aceitável ou não uma outra cultura.

Na prática, o conceito de “cultura” está sendo usado por grupos minoritários que procuram afirmar sua identidade. Identidade entendida como “uma forma de definir-se para si e para os outros como pertencente a uma determinada etnia, destacando ainda, que a identidade se afirma por sua persistência, mesmo em situações de mudança cultural, permitindo sua continuidade mesmo em situações de contato intenso com uma sociedade envolvente como é o caso dos Xokleng” (VIEIRA:2004, p. 3). Os pós-modernistas lidam exatamente com essa perspectiva, os grupos minoritários, ou que são excluídos socialmente, levantam suas bandeiras requisitando a identidade através de uma “cultura”. Assim, na continuação de seu estudo, Eagleton coloca que segundo os pós-modernistas:

modos de vida totais devem ser louvados quando se trata de dissidentes ou grupos minoritários, mas censurados quando se trata das maiorias. As “políticas de identidades” pós-modernas incluem assim o lesbianismo, mas não o nacionalismo, o que, para os radicais românticos mais antigos, ao contrário dos radicais pós-modernos mais recentes, seria algo totalmente ilógico (EAGLETON, p.27).

Para fechar nossa discussão vale lembrar que mesmo com o debate intenso na academia acerca de “cultura” além de certo progresso no que diz respeito às Leis que procuram legitimar práticas culturais, acreditamos que dentro do senso comum, “cultura” está ainda fortemente ligada ao seu significado europeu iluminista. Dizer que “aquela, ou aquele é culto”, dentro do senso comum é o relaciona-se com dizer que “aquele ou aquela possui muita leitura, está ligado a alguma área científico-acadêmica ou está ligado a alguma manifestação artística”.

## Os Xokleng, a natureza e a História

Fugiremos do senso comum e trataremos os Xokleng dentro da “cultura” discutida na academia. Assim, como já colocamos, os Xokleng perambulavam por seu território histórico, pois dependiam totalmente da caça e da coleta. Essa dependência obrigava os Xokleng a dominar um enorme território. Segundo Santos, assim se organizavam:

A tribo Xokleng era formada por diversos grupos. Esses eram integrados por 50 a 300 indivíduos. (...). Como nômades, entretanto, esses grupos deveriam se subdividir e simultaneamente explorar largas áreas vizinhas a esses locais de maior concentração. Incursões de caça, de coleta ou de reconhecimento deveriam ser feitas em áreas relativamente distantes. Por isso, a presença dos Xokleng foi historicamente registrada num território bastante amplo, fazendo supor que a tribo deveria ter um contingente populacional muito maior do que o real (SANTOS:1987, pp 32-33).

A relação entre os Xokleng e a natureza colocada dessa maneira, aparece baseada no utilitarismo (relação utilitária com relação à natureza) o que não significa sermos adeptos da teoria do determinismo geográfico<sup>3</sup>, mesmo porque, é possível existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente. Relacionado ao utilitarismo, o nomadismo, nos parece o representante cultural mais importante, tanto que outras características se desenvolveram por conta desta.

Os Xokleng viviam separados em pequenos grupos de caça composto por 30 a 50 indivíduos, praticavam o nomadismo estacional, logo, deslocavam-se entre o litoral e o planalto, buscando obter sua subsistência, o mesmo ocorrendo conforme as mudanças de estações, quando havia escassez de alimentos. Subiam e desciam buscando alimentos para a subsistência do grupo e a araucária lhes garantia boa parte de seu equilíbrio alimentar (VIEIRA, p. 20).

Queremos posicionar a discussão teórica nesse caso na relação entre “cultura” e “natureza”. Essa relação e a discussão acerca

disso pode ser tão longa quanto a discussão na definição de cultura e tão mal resolvida quanto. Tudo porque ainda não se definiu os limites que a natureza impõe ao fator cultural e vice-versa, dentro do que chamamos acima de utilitarismo.

As alternativas nesse venerável conflito entre utilitarismo e um enfoque cultural podem ser colocadas da seguinte forma: se a ordem cultural tem de ser concebida como a codificação da ação intencional e pragmática real do homem, ou se, ao contrário, a ação humana no mundo deve ser compreendida como mediada pelo projeto cultural, que ordena imediatamente a experiência prática, a prática ordinária, e o relacionamento entre as duas (SAHLINS:1976, p. 68).

Sendo nômades, os Xokleng tinham contato com povos indígenas de outras etnias, os Guarani e os Kaingáng. Porém, como já colocamos, cada etnia tinha seus padrões culturais próprios. Por terem o mesmo tronco lingüístico, na literatura de estudos sobre os indígenas de Santa Catarina existe uma confusão acerca das etnias Kaingáng e Xokleng, principalmente nos estudos do início do século XX<sup>4</sup>:

inicialmente até mesmo o antropólogo J. Henry referiu-se aos Xokleng como Kaingáng de Santa Catarina e A. Métraux utilizava a denominação Kaingáng-Aweikoma, por perceber que existiam diferenças culturais entre eles, ambos os antropólogos realizaram estudos das duas etnias. As diferenças, no uso de artefatos semelhantes, reforçam nos dias atuais a diversidade na identidade étnica dessas comunidades (VIEIRA, p. 13).

O estudo dos padrões culturais e da história pode ser desenvolvido com o auxílio de outras disciplinas. Sendo um povo apócrifo, ou seja, sem escrita (hoje não mais), é difícil proceder a um estudo histórico sobre os Xokleng abrindo mão de estudos de antropologia e arqueologia, principalmente se estamos trabalhando com um recorte temporal longínquo. “Se o passado é um país estrangeiro, ele também é outra cultura. *Autre temps, autre moeurs*. E se é outra cultura, descobri-la requer, então, alguma antropologia – o que sempre significa alguma comparação cultural” (SAHLINS: 2006, p.10).

No estudo dos Xokleng, os antropólogos perceberam desde o início, a semelhança entre as culturas desses e dos Kaingang devido ao mesmo tronco lingüístico. Porém, continuando as pesquisas, os mesmos antropólogos se deram conta da diferença cultural entre ambas. Mostrando que mesmo estando bastante próximos, de manterem contatos regularmente, e de disputarem (ou ocuparem) regiões de características semelhantes, a “cultura” se desenvolve distintamente.

Se, dependiam exclusivamente da natureza, (como se todo ser humano não dependesse), é entendível que os Xokleng desenvolveram objetos que “eram utilizados para a execução das atividades de sobrevivência, como a pesca, a caça, a guerra, e para confeccionar outros objetos” (VIEIRA, p. 13). Além desses, também necessitavam daqueles para adaptação e transformação dos recursos naturais em meios para a sobrevivência. Nesse sentido temos a inclinação de aceitar que “todas as espécies, incluindo a humana, recebem orientação imediata da natureza” (MORGAN apud SAHLINS:1976, p. 75), e essa premissa da “orientação imediata da natureza” é verdadeira na medida em que se estamos com frio, nos agasalhamos; se estamos com fome, comemos e assim por diante. Dentro dessa perspectiva de análise, num estudo que relaciona natureza/cultura e história, temos que:

os objetos revelam informações referentes ao cotidiano e à relação deles com o meio ambiente, a organização social, a tecnologia empregada, bem como os padrões de comportamentos dentro da sociedade. Vista também como mantenedora de identidade étnica. A *cultura material*<sup>5</sup> permite encaixar-se nos diversos segmentos da vida, contribuindo ainda para perpetuar os usos e costumes indígenas. Apesar das técnicas de confecção dos objetos ser apontadas nas pesquisas como bastante semelhantes, cada povo, ou grupo étnico, desenvolveu técnicas e objetos próprios, totalmente distintos de outros grupos, que os torna únicos e diferentes dos demais (VIEIRA, p. 14).

Adentrando-se ainda mais nos estudos culturais dos Xokleng, percebemos que a consideração de Morgan não pode ser tomada como uma Lei. Pois como coloca Vieira, cada grupo desenvolve sua relação com a natureza distintamente. É inquestionável que o meio interfere

nos padrões que chamamos de “cultura”, porém existem fatores que ultrapassam essa relação e o utilitarismo ou como Sahlins chamou de “razão prática”, não dá conta de explicar. A “cultura” não pode apenas ser identificada por sua relação com a natureza. Assim, mesmo parecendo que o confronto entre lógica cultural e material pareça desigual no sentido de o processo material ser fatural e independe da vontade do homem, e o simbólico ser inventado, portanto flexível, temos que “as finalidades assim como as modalidades de produção vêm do lado cultural: os meios materiais da organização cultural assim como a organização dos meios naturais” (SAHLINS, 1976, p. 228).

Confrontando as idéias de vários pensadores, principalmente antropólogos, Sahlins mostra que a relação existente entre a “proposta cultural” e a “proposta prática” é uma posição cíclica e repetitiva à qual a antropologia se manteve presa nos últimos 100 anos. Essa luta travada tanto na Europa como nos Estados Unidos, se tem caracterizado não somente por uma maior consciência antropológica a respeito do simbólico, mas também por uma penetração crescente no campo da análise do prático (SAHLINS:1976, p. 1180).

No caso dos Xokleng, ou se pensarmos em qualquer outra sociedade tribal, a orientação imediata dada pela natureza, a relação homem/natureza e conseqüentemente a relação cultura/natureza é mais facilmente identificável. A “cultura material” está intimamente ligada ao fator ecológico. Porém, se partimos para o estudo do subjetivo, das crenças, dos mitos, dos rituais de passagem, do simbólico, notamos que o utilitarismo da natureza e sua imediata orientação, não o condicionam. Mesmo a própria orientação dada pela natureza, igual para duas culturas, pode ser trabalhada de duas maneiras diferentes, dependendo do olhar de cada cultura e de sua tecnologia. Isso porque a “relação com o meio natural entre as comunidades indígenas vai além da simples utilização dos recursos disponíveis, trata-se de uma relação mítico-religiosa que impõe normas sociais de condutas e utilização dos recursos” (VIEIRA, p. 23).

O simbólico dentro da cultura xokleng, como os mitos, as crenças, os rituais de passagem, assim como em outras sociedades, não

obedecem, a nosso ver, a uma “razão prática”. Por não obedecer a uma razão prática talvez se torne mais difícil de serem estudados e ser aceito. Até porque, retornando as discussões anteriores, é o subjetivo dentro das culturas diferentes das que nos identificamos justamente que nos causa repulsa.

## **Cultura e História, considerações finais**

Analisando agora a relação entre cultura/história no caso dos Xokleng, temos que, assim como em todo o país, com o passar dos anos, se intensificaram os contatos entre essas populações e os não-indígenas. Com o desenrolar dessas relações, verificou-se a gradual diminuição desses povos. Um dos fatores para que isso tenha ocorrido, consiste no fato de que na época, eles não eram portadores de “cultura”, pelo menos nas concepções apresentadas acima. Portanto, sofreram com o processo “civilizador” do ocidente. Nesse sentido, o fato de serem uma sociedade tribal, tendo sua tecnologia atendendo a orientação da natureza, e esta não necessitando de uma tecnologia mais elaborada, tornou-os mais vulneráveis. Segundo uma concepção de Sahlins, pois “a dominação cultural deriva da predominância técnica: o tipo cultural que desenvolve maior poder e recursos num determinado meio ambiente se desenvolverá aí em detrimento das culturas indígenas” (SAHLINS, 1968, p. 10). Assim, podemos também concordar com Lèvi-Strauss, quando este coloca que

A civilização ocidental estabeleceu seus soldados, as suas feitorias, as suas plantações e os seus missionários em todo o mundo; interveio direta ou indiretamente, na vida das populações de cor, revolucionou de alto a baixo o modo tradicional de existência destas, quer impondo o seu, quer instaurando condições que engendrariam o desmoronar dos quadros existentes sem o substituir por outra coisa (STRAUSS, p. 78).

Séculos se passaram e muito da cultura Xokleng foi perdida ou modificada “graças” à “cultura” européia. Por outro lado, isso não quer dizer que se perderam no tempo as manifestações culturais num

todo e que os Xokleng hoje estão integrados totalmente dentro de uma sociedade culturalmente “mais forte”. Se assim fosse não haveria mais o porquê da definição Xokleng, Kaingáng, ou Guarani, só para exemplificar os indígenas de Santa Catarina. Existe o fator “identidade” que é requisitado por essas populações e que está ligado ao fator cultural. Além disso, a língua é mantida como fator de identidade étnica. Eram nômades, começaram a plantar, tinham suas vestimentas, hoje se vestem nos nossos padrões, viviam da caça, agora criam animais. Mas ainda assim são Xokleng. A natureza é e pode ser facilmente transformável, mas a cultura não. Como Eagleton coloca, “transformar toda a cultura seria muito mais trabalhoso do que represar um rio ou arrasar uma montanha. Nesse sentido, pelo menos, a natureza é uma matéria bem mais tratável do que a cultura” (EAGLETON, p. 136).

Mesmo modificada, a cultura Xokleng persiste, lado a lado com outras culturas. A natureza deu as orientações para que através de seus olhos eles pudessem criar uma unidade diferenciadora que chamamos de identidade cultural. A tecnologia, o simbolismo e a língua fazem parte dessa unidade diferenciadora.

Podemos retirar desse estudo que a relação natureza/cultura não é apenas baseada em orienta/desenvolve, existem os simbolismos ou lógicas culturais que fazem com que essa relação seja ímpar em cada povo. Porém, como havíamos colocado, não é pretensão chegar a uma definição sobre essa relação, mas sim apurar como podemos tratá-la através de estudos que já foram feitos sobre esse tema.

Quanto à relação cultura/história, temos que os Xokleng, assim como tantos outros povos pelo mundo, foram considerados inferiores, e por isso foram dominados. Se essa dominação tem a ver somente pelo fator tecnológico como Sahlins apontou, não temos certeza. Mesmo porque como já vimos, a cultura não foi totalmente dominada, então essa premissa não pode ser tomada como Lei. Se assim o for, teremos que acreditar que a relação natureza/cultura é que vai determinar o processo histórico de cada povo. Apesar de ser um fator considerável, não nos parece determinante. Na luta por sua identidade étnica, os Xokleng e outros povos indígenas

estão se afirmando como povos deferentes, com um modo de ver o mundo e de se relacionar com ele diferentes. Além deles, outras minorias estão surgindo e requisitando sua afirmação quanto a unidades culturais independentes. Strauss colocou em seu trabalho que “a diversidade das culturas é de fato no presente, e também no passado, muito maior e mais rica que tudo o que estamos destinados a dela conhecer” (STRAUSS, p. 55). Por fim, permitindo-nos ampliar o pensamento de Strauss, não pensando no presente nem no passado, mas no futuro, podemos dizer que um mundo do qual se pretendia caminhar para uma “unidade cultural”, nos parece estar caminhando cada vez mais para uma “pluralidade cultural”.

## Notas

\* Este artigo foi apresentado como ensaio trabalho final da disciplina de Teoria e Metodologia da História I do Curso de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina.

\*\* Mestrando do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, Especialista em Gestão e Metodologia de Ensino pela Universidade Dom Bosco – PR, Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de ensino médio e fundamental do Colégio Padre Agostinho e do ensino fundamental no Colégio Marista e Municipal São José, ambos no município de São José.

<sup>1</sup> Uma “história” do termo cultura encontramos no trabalho de Eagleton. Com base nesse trabalho abordamos a “história” da cultura também neste artigo.

<sup>2</sup> Utilizamos o termo perambulavam pelo fato dos povos indígenas de Santa Catarina serem caçadores-coletores, movendo-se sazonalmente, de acordo com as estações e da oferta de alimentos.

<sup>3</sup> O determinismo geográfico considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural. (...) A partir de 1920, antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre outros, refutaram este tipo de determinismo e demonstraram que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais. (LARAIA : 1997, p. 21).

<sup>4</sup> Os trabalhos que Vieira se refere são: HENRY, J. **Jungle People. A Kaingáng tribe of a highlands of Brazil**. United States: Virgínia, 1941 e MÉTRAUX, A. *The Caingang*. In: **Handbook of South American Indians**, Washington: J. Steward Ed., 1946. Vol.1 parte 3. Tradução Jacó Cesar Piccolo.

<sup>5</sup> Cultura material é entendida por Vieira como os artefatos, que passaram a integrar o cotidiano indígena, funcionando como suporte documental impregnado de informações relativas à cultura desses povos. (VIEIRA, p. 13).

## Referências

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editorial da UNESP, 1998, pp. 185-227.

CUCHE, D. Gênese social da palavra e da idéia de cultura. In: **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª edição. Tradução de Viviane Ribeiro. EDUSC, pp. 17-31.

EAGLETON, T. **A idéia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

LARAIA, R. B. Da natureza da cultura ou da natureza à cultura. In: **Cultura: um conceito antropológico**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, pp. 7-65.

PERES, J. A.; NÖTZOLD, A.L.V. **Indígenas e terras em Santa Catarina**: parâmetros do século XIX. Trabalho de Conclusão do Curso em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

SAHLINS, M. D. **Cultura e razão prática**. Capítulos 2, 5 e conclusão. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1976, pp. 68-142 e 226-242.

\_\_\_\_\_. **História e Cultura: apologias a Tucídides**. Introdução, capítulos 1 e 2. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. pp. 7-179).

\_\_\_\_\_. **Sociedades Tribais**. Capítulos 1 e 2. Tradução de Yvonne Maggie Alves Velho. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1968, pp. 9-46.

SANTOS, S. C. dos. **Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng.** Porto Alegre: Movimento; Brasília: Minc/Pró-Memória/INL, 1987.

STRAUSS, C. L. **Raça e História.** In: Os pensadores n. L. São Paulo: Abril Cultural, 1976, pp. 51-93.

VIEIRA, E. E.; NÖTZOLD, A. L. V. **Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng.** Dissertação de Mestrado em História. UFSC. Florianópolis: 2004.

## **Abstract**

This article aims to make the relationship between Nature, Culture and History in the trajectory of Xokleng, indigenous people who work with Guarani and Kaingang composes the indigenous group of Santa Catarina. For this, there was a study of theories of the concept of Culture and its implications beyond a brief history of the building or buildings of the concept and uses of the term culture. Without wishing finish the discussions, this article aims to clarify the terms and their relations, approaching other subjects in the study of history, as Archeology and Anthropology. In that sense with the aid of Archaeology, seek cultural characteristics of Xokleng, as the nomadic life and your artifacts, to observe the connection of those with nature, and the implications of these events in their historical trajectory.

**Keywords:** Xokleng, Nature, History, Culture

